

QUAL O PAPEL DA ESCULTURA PÚBLICA PARA A EDUCAÇÃO DO CIDADÃO?

What is the role of public sculpture for the education of citizens?

OLIVEIRA, Mónica¹

Resumo

A escultura pública situada no teatro urbano, visualmente alicerçada por elementos simbólicos, estabelece um diálogo entre indivíduos, territórios, tempos, e apresenta-se diariamente numa configuração formal diversificada, espelhando a sua identidade num espaço onde ocorrem interações comunicativas entre a obra e os cidadãos resultantes quer das características do objeto artístico, quer dos significados individuais e convenções coletivas construídas. A presença da escultura pública na vida do cidadão é uma evidência e suscita comportamentos e relações entre ambos. Mas será que o diálogo entre o cidadão e a escultura se estabelece? Até que ponto a escultura pública que povoa os espaços pelos quais deambulamos faz realmente parte do nosso quotidiano? De que forma a escultura contribui para o desenvolvimento artístico-cultural do indivíduo? Este texto centra a sua atenção na necessidade de equacionar a importância e a relevância da escultura pública no horizonte contemporâneo – que implica pensar o conceito artístico, o posicionamento do sujeito face à diversidade de esculturas no espaço urbano e os seus comportamentos, perspetivando o valor educativo de que as obras se revestem para ir ao encontro de novas formas de apropriação visual, através de uma educação artística que reconheça o cidadão enquanto construtor do seu próprio conhecimento e da sua identidade, possibilitando-lhe adquirir as competências necessárias para estabelecer um encontro com as esculturas e tornando-o recetor da sua própria cultura.

Abstract

A public sculpture located in urban theatre, visually supported by symbolic elements, establishing a dialogue between individuals, regions and presents itself in a diversified formal setting, reflecting their identity in a space where occur communicative interactions between the work and the citizens resulting from either the characteristics of the artistic object, either of individual meanings and conventions collective built. The presence of public sculpture in the citizen life is an evidence and raises behaviors and relations between both. But is the dialog between the citizen and the sculpture laying down? How public sculpture that fills the spaces in which we walk really is part of our daily lives? How the sculpture adds to the artistic and cultural human development? This text focuses its attention on the need to equate the importance and relevance of public sculpture in the contemporary horizon - which implies thinking the artistic concept, the positioning of the subject due to the variety of sculptures in the urban space and their behavior, showing the education value that works lining up to meet new forms of visual appropriation, through an artistic education that recognizes the citizen as builder of their own knowledge and identity, allowing him to acquire the necessary skills to establish a date with the sculptures and making him receiver of their own culture.

Palavras-chave: Escultura pública, educação artística, recurso educativo.

Keywords: Public sculpture, art education, educational resource.

Data de submissão: Março de 2015 | **Data de publicação:** Junho de 2015.

¹ MÓNICA OLIVEIRA - Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa. Correio eletrónico: monica@esepf.pt.

A escultura pública

A aceção do termo escultura pública em matéria de intervenção artística, no seio da história das artes visuais, tem vindo ao longo dos tempos a marcar presença em todas as épocas, assumindo diferentes estilos, diferentes interesses e diferentes saberes. Tem-se revelado, desde sempre, vinculada a contextos públicos, físicos e socioculturais concretos onde convergem ideias e significados que vão ao encontro de conceções estéticas e funcionais que nos informam sobre as transformações marcadas pela história, mantendo uma presença física que desencadeia um contacto direto com os cidadãos. As cidades vão assumindo uma identidade que é sinónimo da sua presença, um legado artístico que espelha e articula o nosso passado e o nosso presente, as nossas raízes e as nossas preocupações e interesses atuais. Faz-nos deambular entre um tempo já terminado e aquele que está a ser projetado. A escultura pública está orientada para a vida, comprometida com valores humanos, sociais, políticos e pressupõe o bem-estar da comunidade onde está inserida. Para além dos aspetos acima referidos, Armajani afirma que a escultura pública é uma representação artística que vai ao encontro da conjugação de três elementos essenciais: o objeto artístico, o lugar e o público. A escultura pública não é tão só uma criação artística, uma obra plástica com interesse estético, mas uma produção social e cultural baseada em necessidades concretas que se reportam ao lugar em que está inserida e ao diálogo que estabelece com os cidadãos. Independentemente da contemplação que lhe concedermos, ela existe e impregna os nossos gestos, contamina as nossas intenções e a nossa forma de ver e compreender a(s) realidade(s).

Enquanto objeto artístico, a escultura pública é aquela que nos remete para um conjunto dos objetos artísticos bi ou tridimensionais que assumem diferentes escalas, diferentes formas, que vão desde murais, passando por fontes, pela escultura ornamental, pelo monumento escultórico ou pelas instalações artísticas contemporâneas e cujas funções também elas são diversas: melhorar a paisagem urbana, ajudar à regeneração económica através do turismo e do investimento, identificar uma comunidade, ajudar à regeneração do património artístico e cultural, comemorar um momento histórico, homenagear uma personalidade, melhorar a qualidade de vida dos cidadãos (REGATÃO, 2003; REMESAR, 1999, 2000a, 2005; SELWOOD, 1996).

Como afirma Ricardo Reis, independentemente de quem a encomendou, dos seus objetivos e funções, dos seus custos ou dos seus proprietários, estas esculturas públicas são

expostas em espaços urbanos, de forma permanente ou efêmera, acessíveis aos cidadãos. A sua implantação no espaço público, através de uma exposição, confere-lhe um grau de representatividade dinâmica e interativa e, conseqüentemente, implica uma relação com as pessoas, conferindo-lhe um estatuto social. E este relacionamento assume-se quer pela transmissão de significados diversos que passam pelo reconhecimento dos seus desígnios de significação histórica, artística, cultura, social e patrimonial, quer ao captar olhares e ao ampliar referências de apropriação e fruição estética mobilizando os sentidos. A escultura pública ajuda-nos a compreendermo-nos melhor e ao mundo em que vivemos.

Quanto ao lugar onde a escultura pública se apresenta também ele é diverso. Podemos encontrar esculturas públicas em vários espaços nomeadamente ruas, praças, avenidas, parques na cidade, parques naturais, bibliotecas, hospitais, edifícios públicos e privados, centros comerciais, estações de transportes, ou seja, em qualquer lugar onde as pessoas vivem. Ela surge num território habitável que se articula com a arte, a arquitetura, o desenho do plano urbanístico e o design urbano (REMESAR, 2005). No entanto, conceber e integrar esculturas em espaços públicos em contexto urbano não significa apenas “alindar” ou qualificar esses espaços da cidade, dotando-os de objetos de arte, mas ir ao encontro de intencionalidades concretas que visam, por um lado, uma solenização ideológica e, por outro lado, objetivos públicos de democratização comunitária. A colocação de obras de arte nas cidades como agentes capazes de regenerar e construir um lugar, contribuindo assim para melhorar a convivência e a habitabilidade do ambiente não é suficiente; deve despoletar a vida social e a sua integração numa comunidade só se efetiva quando ela é assumida pelos cidadãos. Armajani salienta a importância do lugar como um elemento de construção de um coletivo histórico, social e cultural de uma cidade: “Public sculpture is a search for a cultural history which calls for structural unity between the object and its social and spatial setting. It should be open, available, useful and common.” (ARMAJANI, 1995, pp. 111,114) De facto, onde quer que seja colocada, a escultura pública define e organiza o espaço social à sua volta estabelecendo uma maior ligação entre o objeto artístico e o público. As suas qualidades, que configuram a representação e significação sociocultural e histórica, favorecem uma interação com o público na estreita relação dialética de convivialidade com o espaço de pertença e usufruto. Independentemente da sua componente formal e do seu processo autoral, a carga simbólica e identitária da cidade que transporta potencia modos de ver e conhecer revelando uma memória coletiva, facilitando a receptividade da arte na sociedade. Colocadas em contextos facilmente acessíveis aos cidadãos, as esculturas públicas têm a capacidade de

promover a identidade de um lugar junto dos seus fruidores, maioritariamente involuntários e não especialistas, proporcionando-lhes um maior contacto com a arte. Visualmente transformada numa forma poderosa e sólida, quer pela presença, quer pela representação ou evocação, a escultura apresenta-se no plano da sua afirmação pública como um testemunho documental ativo, pronto a alavancar conhecimentos diversos bem como reclama, ao mesmo tempo, uma experiência de perceção e fruição espacial e artística no sentido de propiciar ao público o acesso ao entendimento da obra de arte no espaço expositivo da cidade, ou seja, fora das paredes do museu. E esta presença no espaço público urbano, pela sua própria natureza comunicativa, tenderá a repercutir-se sobre os comportamentos de apreciação e apropriação estética do público: o cidadão adulto, jovem e infantil.

Análise do contexto atual e implicações artístico-educativas

De entre muitas ideias plasmadas na literatura específica sobre o tema, podemos inferir que a escultura pública é uma forma artística que desencadeia valores de ordem simbólica, plástica e estética, que articula conteúdos transdisciplinares que lhe estão direta e intrinsecamente associados, num espaço público de interação do sujeito e do mundo e se projeta para além de épocas e lugares, evidenciando um legado cultural que marca a história da arte, apresentando identidades diferenciadas consoante a época que lhe deu origem. A escultura pública apropria-se de espaços da paisagem urbana ora como lugares de memória, ora como elementos de animação arquitetónica, ora como elementos de qualificação urbana ou ainda como lugares de devoção (ABREU, 2005). Atualiza o tempo ao constituir-se num referencial visual norteador; promove uma comunicação entre o objeto artístico, o espaço e o espetador, criando impacto e uma relação afetiva através da relação dos seus interlocutores. O indivíduo, ao estabelecer uma ligação afetiva com o espaço e o objeto artístico nele inserido, passa a sentir-se emocionalmente seguro pois o “doce sentimento da terra natal é mais forte quando não apenas esta é familiar, mas característica” (LYNCH, 1997, p. 5). O conhecimento da escultura pública permite ir ao encontro da complexidade e do dinamismo da estrutura social através das suas mensagens e espaços onde estão implantadas e das interações que estabelecem com os cidadãos.

No entanto, para a maioria dos cidadãos este tipo de arte é ainda invisível pelo ritmo de vida acelerado ou pelo excesso de informação visual ou porque, como afirma Bourdieu, “a

obra de arte considerada enquanto bem simbólico não existe como tal a não ser para quem detenha os meios de apropriar-se dela, ou seja, decifrá-la” (2007, p. 71).

Embora este tipo de esculturas tenha lugar em espaços públicos e esteja disponível a qualquer pessoa, a qualquer momento, em diferentes tempos, não é percebida na dimensão esperada. Não obstante seja inquestionável a sua importância para as cidades, e o potencial que as obras artísticas possuem como documentos ativos na educação do ser humano, as pessoas não possuem uma formação visual que lhes assegure as ferramentas imprescindíveis para perceberem o mundo à sua volta, tornando-se assim invisíveis e incompreendidas. A pé ou de carro, de longe ou de perto, depressa ou devagar, as pessoas não se detêm a observá-las. O número de pessoas que circulam diariamente pelas cidades e passam pelas esculturas públicas é incalculável e infelizmente apenas uma diminuta parcela tem um encontro com a arte. O que nos leva a afirmar que existe um alheamento entre o público e a arte que a ele foi consagrada.

A amplitude das possibilidades apresentadas pela produção escultórica, a diversidade do vocabulário artístico, técnico e material, bem como os temas representados, fazem com que a escultura pública se torne num recurso com potencialidades educativas. Todavia, estas mesmas características são, também elas, geradoras de resistências e relutâncias por parte dos cidadãos que não possuem os meios capazes para as entenderem, situação que despoleta diferentes reações nomeadamente:

- Indiferença: a grande maioria das vezes, o cidadão não é mais do que um “receptor passivo das soluções artísticas” (REMESAR, 2000b, p.197) pois não entendem as obras, a sua mensagem, mas permitem a sua existência já que não as condenam, não as julgam não têm atitudes de reprovação, mas de indiferença perante as mesmas (REMESAR, 2000a, p. 201).
- Rejeição: este sentimento de revolta é provocado pela incompreensão das obras, pelo desinteresse pela cultura artística e, fundamentalmente, pela ausência de uma educação artística que lhes permita compreender a sua função na sociedade. Os cidadãos sentem-se envergonhados porque não percebem a sua importância social, porque não são auscultados, nem participam de decisões que envolvem a integração das mesmas na sua comunidade e, por consequência, rejeitam-nas e não constroem um vínculo afetivo com os objetos, não as valorizam, não estabelecem um sentimento de afetivo de proximidade e, muitas vezes, cometem atos de vandalismo para fazerem ouvir os seus interesses.

Claro que estas situações alteram a poética da escultura pública anulando a sua potencialidade cognitiva, transformadora e afetiva. Temos que olhar a realidade como uma chamada de atenção: é preciso que a educação artística seja capaz de fornecer ao indivíduo o conhecimento necessário para fazê-lo sentir-se competente para fruir uma escultura pública. Aqui reside o papel educativo da arte - colocar as esculturas públicas no epicentro da aprendizagem dos cidadãos, especialmente na escola mas também fora dela, já que mesmo que não lhe prestemos a devida atenção, as obras são públicas, e este contacto quotidiano com as obras influencia a nossa atitude perante as mesmas.

É necessário promover o acesso à educação, à cultura e à arte como garante da cidadania, da autoestima defendendo e promovendo o reconhecimento do património artístico das cidades. Para tal é fundamental que todos os intervenientes da ação educativa entendam a realidade, aceitem a diversidade social e cultural, bem mais significativa e ajustada à realidade circundante, e perspetivem realizações conjuntas ao nível da cultura e da cidadania, devendo a escola estimular as potencialidades e características sociais e culturais do indivíduo, face à inovação, às mudanças e às novas exigências socioculturais, promovendo ambientes democráticos e cívicos, partilhados e respeitados entre todos os grupos étnicos, uma vez que todas as transformações acarretam mudanças comportamentais. Não podemos olvidar que a educação dos indivíduos, que no futuro vão promover o desenvolvimento cultural, não pode ser entendida como elitista mas como um património partilhado (LETRIA, 2000, p. 32) e refletido. Interpretar, descodificar, apreender a paisagem circundante, é uma prática habitual e um fator de educação estética dos indivíduos que deve atuar como mediadora entre o observador e o mundo. A chave para o ensino da arte objetivando a educação estética, segundo Vigotski (2001), é introduzi-la na própria vida. E este é o grande desafio da escultura pública: provocar mudanças, possíveis ligações afetivo-coletivas, chamar a atenção do cidadão comum sobre a sua existência.

A escultura pública como recurso educativo

No sentido de colmatar a falta de diálogo entre a esfera social e cultural e a educação, sinónimo de alheamento das pessoas face ao seu mundo, a educação deve envidar todos os esforços para fazer com que os cidadãos adquiram as competências e saberes necessários para serem recetores da arte que os envolve. Uma formação de natureza transformadora e orientação emancipatória que se movimenta, paulatinamente, entre a dicotomia do que é e do

que deve ser a educação, explorando o possível, mas problematizando sempre o seu próprio valor e a sua função e encontrando, nessa incerteza e nessa insegurança, a sua principal razão de ser, permite aos cidadãos uma tomada de consciência crítica com o real e a identificação e construção de alternativas potenciadoras de mudança. A inquietação acima referida faz-nos refletir e, simultaneamente, problematizar o valor educativo da escultura pública e apontar um conjunto de pressupostos que suportam esta proposição. Trata-se, acima de tudo, de pensar esta questão com base na nossa cultura, pois ela determina em grande parte o que somos, pensamos e fazemos hoje. Envolvendo as pessoas numa prática educativa que as ajude a perceber a relação de proximidade que existe entre educação, arte e sociedade, para que se possa operar, quer nesta geração, quer nas seguintes, uma transformação de mentalidades que produzirá efeitos na fruição cultural potenciando o saber e a sua pertença à comunidade para que, desta forma, se valorize o património artístico fomentando uma atitude de cidadania ativa, recetiva, participativa e dialogante perante as obras de arte.

Apresentaremos de seguida, em jeito de síntese, um conjunto de pressupostos que, no nosso entender, configuram a importância da escultura pública como recurso educativo orientada para a visualidade, de acordo com a dimensão social e cultural do mundo em que vivemos:

- **A escultura pública é uma forma de manifestação artística, que faz parte do património cultural.** Possui uma variedade de matizes linguísticos visuais, um conjunto de estratégias criadoras, uma diversidade de modos de produção, mensagens que fazem com que a arte seja vista de múltiplas facetas, impossível de abarcar de um único ponto de vista. Como afirma Lopes, a escultura pública “sendo uma componente fundamental do ambiente urbano, enquanto fator de embelezamento e valorização cultural da cidade, constitui-se também como um valioso registo das correntes estéticas e culturais dominantes nos diferentes ciclos e períodos históricos” (LOPES, 2005, p. 45).
- **A escultura pública apresenta um valor identitário,** criando marcas e sinais que, para as sociedades que nela habitam, representam elementos de identidade muito fortes. Muitas pessoas identificam-se com o lugar onde vivem ou viveram, tendo uma sensação de pertença a essa paisagem como um espaço próprio, único e particular. Deste modo, a escultura supõe geralmente um modo muito direto e imediato de entrada em contacto com o conhecimento de um país ou de uma cultura, mostrando-se como um indicador autobiográfico da sua história e da sua geografia social. Na verdade a escultura pública é destinada ao homem, à comunidade e, por estas razões, deve-se potencializar uma dimensão social, levando o público a confrontar-se

através da arte com a sua própria identidade. Portanto, segundo Brandão e Remessar, “cada uma das partes ou zonas da cidade tem um património de monumentos e de símbolos, que são referências da sua identidade que devem, em parte, ser conservados e reconvertidos, para contribuir tanto para se guardar a memória como se dar um impulso para a evolução da cidade” (2000, p. 79). Efetivamente verifica-se que as esculturas públicas, enquanto símbolo duma urbanidade de memórias e identidades, podem constituir-se importantes instrumentos para a construção da personalidade urbana.

- **A escultura pública está presente no nosso quotidiano.** A escultura pública faz parte da vida dos cidadãos porque está onde vivemos, trabalhamos ou temos os nossos momentos de lazer. Mesmo que não lhe prestemos a devida atenção, as obras estão lá, e este contacto diário com as obras influencia a nossa atitude perante elas. Muitas vezes os nossos percursos são indissociáveis das obras, servem-nos como pontos de referência ou como pretexto para denominar um local. A escultura pública “não pode evitar o confronto directo e regular com o público em geral, ainda que involuntariamente, acaba por estabelecer a aproximação da arte à vida, ou seja, conduz inevitavelmente a uma maior cumplicidade entre o objecto artístico e um maior número de espectadores.” (PEREIRA, *apud* NUNES, 2005, p. 61).
- **A escultura pública define espaços únicos e específicos, estabelecendo relações entre o observador, a obra e o contexto.** Vários autores, como Senie, Cruz, Miles, Remesar, Nunes ou Sobrino Manzanres, são unânimes em considerar que uma obra de arte colocada num espaço público o transforma de imediato. “Face ao caos de sinais, à efervescência do quotidiano e à proliferação de imagens que homogeneízam a cultura visual urbana, a cidade exige signos que a identifiquem e formas que a caracterizem. É inquestionável a contribuição da escultura pública para a redescoberta dos lugares, a reatribuição de sentido aos espaços e a (re)humanização do meio ambiente, acrescentando-lhes novos valores e conduzindo a novas percepções.” (PEREIRA, *apud* NUNES, 2005, p. 60). A escultura pública é, por princípio, inclusiva, obriga à participação da população, à interação entre o objeto artístico e o observador. Para Pedro de Andrade, “a escultura pública enquanto género de arte está intimamente ligada às cidadanias políticas e culturais, está associada à opinião do público e às suas práticas de vida em relação com o espaço público onde está inserida” (2010, p. 14).
- **A escultura pública pressupõe a interação por parte de quem a observa,** necessita que o espectador participe para que se complete, requer ação e não tão-somente contemplação. A participação do público tornou-se cada vez mais importante. Construir uma narrativa sobre o que se vê é fundamental para compreender as obras. Na interação e convivência contínua com a arte, as pessoas qualificam-se, fazendo com que um olhar reflexivo surja. A escultura pública tem a capacidade de causar surpresas e tensões (DENOAGENT, 2003, p. 97) aos transeuntes. Deste modo a escultura pública converte-se num lugar de interação, de debate constante e

fomentará nos seus participantes o questionamento, a reflexão, a crítica sobre o mundo que os rodeia.

- **A escultura pública estimula competências artísticas.** O objetivo central deve ser o desenvolvimento artístico das pessoas, promovendo o desenvolvimento de competências diversificadas relacionadas com a interpretação, a produção e a receção da prática artística. Sendo a arte, simultaneamente, um instrumento para se aceder ao conhecimento e um objeto de estudo, é importante que se crie um espaço onde seja possível às pessoas expressar as suas ideias, despertando a criatividade, a sensibilidade estética, o desenvolvimento da perceção visual e, naturalmente, o conhecimento e o interesse pela vida.

Os aspetos acima elencados são elucidativos das várias possibilidades que a escultura pública apresenta como recurso educativo, como forma de educação da sociedade. Todos os cidadãos circulam diariamente nos espaços urbanos e convivem com obras de arte. Nestes espaços qualquer pessoa pode desfrutar delas, sem restrições. Assim a escultura comunica com o público estabelecendo uma aproximação entre a arte e a vida. O facto de as obras estarem fisicamente próximas ou mesmo acessíveis torna-as também intelectualmente mais próximas.

As potencialidades educativas da escultura pública

Todo o potencial pedagógico da escultura pública anteriormente mencionado, no qual se funde a subjetividade e objetividade, a razão e os sentimentos, o corpo e a mente, leva-nos, conseqüentemente, a (re)conceitualizar o papel da educação artística nesta área de forma a acessibilizar o conhecimento aos cidadãos, possibilitando-lhe um encontro com as obras de arte e o espaço onde se encontram, ou seja, baseia-se fundamentalmente no sentido integrador do ser humano no seu ambiente. É precisamente esta característica integradora do conhecimento artístico a que Fibla se refere quando assume que a arte da imagem “é a de la relación del ser humano con el medio”, expressado “a través de la reconstrucción constante de sistemas imaginables y comunicables de dicha integración” (1992, p. 284). Deste ponto de vista, o que a arte faz é “situarnos” no mundo, falar-nos sobre nós próprios e sobre a nossa maneira de olhar e compreender o meio.

Para que o cidadão se torne mais atento e interventivo, mais conhecedor, é necessário facultar-lhe um conjunto de competências que o habilitem a viver ou estar à vontade com o património cultural, por vezes pouco legível para o próprio, conseguindo assim, com maior

ou menor grau de dificuldade, descobrir elementos marcantes que lhe permitam orientar-se no espaço, atuar sobre o seu mundo e, para que isso aconteça, é necessário uma intervenção educativa. Como afirma Calaf (1993, p. 190) “la ciudad constituye el escenario donde se estructuran las relaciones agenciales entre la promoción y producción del arte público (instituciones y artistas), recepción (ciudadanos) y mediación educativa” (2003, p. 103). Trilla afirma que “aprender a leer críticamente la ciudad es, finalmente, aprender a participar en su construcción”.

Para Fibla (1992, p. 299) o papel da arte na educação “debería orientarse a favorecer la construcción de conocimientos integradores y formalizables en la relación sujeto – entorno. El conocimiento integrador del arte lo es porque tiene que ver con los sentimientos y los sentidos, y con el modo de manejarlos, expresarlos y comunicarlos”.

A Educação Artística desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de uma literacia artística dado que estimula e promove a consciência e as práticas culturais como veículo de acesso ao património cultural (PARLAMENTO EUROPEU, 2003, p. 4), apresentando-se como um meio pelo qual o conhecimento e o gosto pelas artes e pela cultura são transmitidos de geração em geração. A Educação Artística em particular tem um papel fundamental na formação integral dos cidadãos ao dotá-los com as ferramentas necessárias para a apreciação e compreensão artística pois os observadores menos experientes não estão menos aptos a ver arte, têm é menos ferramentas para o fazer. E aqui podemos perceber uma incongruência: se por um lado, as obras são colocadas em locais onde toda a gente pode desfrutar delas sem nenhuma restrição, por outro lado, a linguagem e sintaxe da gramática pictural que tem acompanhado a criação artística, bem como a forma de a fruir, poderá constituir uma dificuldade para os observadores que não possuam um conjunto de saberes artísticos. Desta forma, acreditamos que a escultura pública enquanto recurso educativo permite ir ao encontro de um trabalho que desenvolva competências fundamentais tais como:

- Compreensão das artes no contexto, compreensão do fenómeno artístico numa perspetiva sociocultural com o objetivo de perceber o valor das artes na cultura e sociedade atual;
- Apropriação das linguagens elementares da arte através da aquisição de conceitos e da decodificação de diferentes linguagens e códigos artísticos;
- Expressão e apreciação que se traduzem na capacidade de se pronunciar criticamente em relação à produção artística, desenvolvendo a perceção visual, sendo recetivo à fruição / contemplação, identificando e decodificando mensagens visuais;

- A sensibilidade estética encarando várias perspectivas ou pontos de vista possíveis para a educação do gosto;
- O pensamento crítico, analisando as questões de forma ampla, encarando as várias perspectivas ou pontos de vista possíveis. Procurar a informação necessária para fundamentar as decisões;
- A relação interpessoal demonstrando preocupação e respeito para com os diferentes interlocutores, mantendo interações positivas.

A mobilização e aquisição destas competências vai permitir às pessoas:

- Um enfoque multidisciplinar, onde o cruzamento das diferentes áreas permite aceder a representações culturais, motivadas pela vida quotidiana;
- Legitimar discursos e uma ação argumentativa;
- O seu envolvimento superando a fragmentação do conhecimento e criando caminhos que contempla a emoção, a intuição, a interpretação em busca de transformação;
- Mobilizar e gerir conhecimentos artísticos até então desconhecidos ou parcamente conhecidos;
- O desenvolvimento do respeito pelas obras e pelos artistas;
- Ampliar o vocabulário artístico,
- Relacionar a arte e a cultura percebendo a sua importância na apreciação estética;
- Aproximar arte das vivências quotidianas;
- A construção e tomada de consciência da identidade individual e coletiva;
- Desenvolver competências para a vida na sociedade atual (espírito crítico, autonomia, criatividade).

É neste contexto que a escultura pública constitui assim um recurso pedagógico pois faz parte do quotidiano visual e das memórias do cidadão. Conhecer, compreender e valorizar o universo cultural permite promover a integração social e a participação cívica no meio envolvente e acaba por constituir uma das formas de conservação mais importantes do património cultural.

Em busca de considerações finais

A escultura pública é um espaço de diálogo aberto entre o objeto artístico e o cidadão que passa, nomeadamente, por questões de significação, de articulação sociocultural, de definição identitária e sensibilidade estética. A escultura pública através das suas leituras levamos à indagação dos possíveis discursos situados nas suas origens, converte-se num objeto e espaço “narrativo” – uma espécie de compilação imagética de relatos e histórias – onde a arte se transforma numa função educadora em busca de novas formas de ver e novas sensibilidades. A escultura pública contribui para a qualidade e a visualidade do espaço público, promove a sua apropriação, forma-o e dá-o a descobrir, torna-se o símbolo desse espaço e da identidade nacional e regional. Aprender a ver as esculturas públicas, é antes de mais, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, localizar-se no espaço social mais amplo, a partir da linguagem artística possibilitando a todos os cidadãos ser recetores da sua própria cultura.

Parte das expectativas depositadas pela sociedade na educação relacionam-se com a tentativa de encontrar soluções para os desafios e problemas no contexto da contemporaneidade. A educação artística, através da escultura pública, inscreve-se neste âmbito orientador, pelas suas potencialidades educativas, particularmente ao nível da construção de indivíduos e sociedades mais críticos e criativos com respeito pela diversidade, preparando-os para enfrentar novos desafios contribuindo para o avanço das sociedades e permitirá uma revitalização do património cultural. A intervenção pedagógica da escultura pública no processo educativo tem enfoque nos aspetos da construção da identidade do cidadão, do seu conhecimento, do desenvolvimento da sua consciência, do seu pensamento, das suas atitudes e capacidades, capazes de ir ao encontro da compreensão das situações na sua complexidade. Uma educação artística, centrada na escultura pública, que ajude o cidadão a questionar-se sobre o seu propósito e a sua importância, que ajude a problematizar e a projetar o presente e o futuro, verdadeiramente ambiciosa, que questione todos os momentos para conhecer as causas e seja capaz de operar mudanças no indivíduo e no tecido social, é o garante de uma nova cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, J. (2005). Arte pública e lugares de memória. *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património*. Vol. IV, I Série, pp. 215-234.
- ANDRADE, P. (2010). *Arte Pública e cidadania: novas leituras da cidade criativa*. Lisboa: Ed. Caleidoscópio.
- ARMAJANI, S. (1995). Manifest Public Sculpture in the context of American Democracy. In AA.VV. *Reading Spaces*. (pp. 111-114). Barcelona: MACBA.
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A. (2007). *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Porto Alegre: Zouk.
- BRANDÃO, P.; REMESAR, A. (2003). *Design do espaço público: deslocação e proximidade*. Lisboa: Centro Português de Design.
- BRANDÃO, P.; REMESAR, A. (2000). *O Espaço Público e a Interdisciplinaridade*. Lisboa: CPD.
- CALAF, R. (2003). Aprender arte en la ciudad: Sensibilizar hacia el respeto y la valoración del patrimonio urbano. In Roser Calaf (Coord.). *Arte para todos: miradas para enseñar y aprender el patrimonio*. (pp.103-135). Gijón: Trea.
- DENOGENT, M. (2003). Flujo e tensiones del arte publico. *Lápiz*. 190/191, pp. 94-101.
- FIBLA, J. M. (1992). El arte ante la problemática ambiental contemporánea. In MARIA, N.; RAMON, L. (Coord.) *La interpretación de la Problemática Ambiental: enfoques básicos II*. (pp. 208-308). Madrid: Fundación Universidad-Empresa.
- LETRIA, J. (2000). *Pela Cultura*. Lisboa: Hugin Editores, Lda.
- LOPES, A. (2005). *Estatuária e Escultura de Lisboa – Roteiro*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa – Departamento de Património Cultural.
- LYNCH, K. (1997). *A imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- MADERUELO, J., (2012). *Caminos de la escultura contemporánea*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Manzanares, M. (1999). *Escultura contemporánea en el Espacio urbano. Transformaciones, ubicaciones y recepción pública*. Madrid: Fundación Caixagalicia.

MILES, M., ANDRADE, P., CONDESSO, F., REMESAR, A., SILVA, F., MORA A.; & ANDRADE, E. (2010). *Arte Pública e Cidadania: Novas leituras da cidade criativa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

MILES, M. (1997). *Art, space and the city*. London e New York: Routledge.

NUNES, P. (2005). Arte Pública. In PEREIRA, J. (Dir.), *Dicionário de Escultura Portuguesa* (p. 5864). Lisboa: Editorial Caminho.

PARLAMENTO EUROPEU. Comissão para a Cultura, a Juventude, a Educação, os Meios de Comunicação Social e os Desportos (2003). *Documento de trabalho sobre o papel das escolas e do ensino para maximizar o acesso do público à cultura*. Estrasburgo.

REGATÃO, J. (2003). *A arte pública e os novos desafios das intervenções no espaço urbano*. Lisboa: Centro Português de Design.

REIS, R. (2007). *Arte Pública como Recurso Educativo: Contributos para a abordagem pedagógica de obras de Arte Pública*. (Tese de Mestrado). Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa.

REMESAR, A. (2005). *Arte Contra el Pueblo: los retos del arte público en el s. XXI*. Barcelona: Universitat de Barcelona.

REMESAR, A., (2000a). *O espaço público e a interdisciplinaridade*. Lisboa: Centro Português de Design.

REMESAR, A. (2000b) – Art against people: Straints between democracy and public art. In Antoni Remesar. *Waterfronts of Art 2. Art for social facilitation*. Barcelona: Universitat de Barcelona.

REMESAR, A. (1999). *Urban Regeneration: A challenge for Public Art*. Barcelona: Universitat de Barcelona.

SELWOOD, S. (1996). *The Benefits of Public Art*. London: Policy Studies Institute.

SENIE, H. (1992). *Contemporary Public Sculpture: Tradition, Transformation, and Controversy*. New York: Oxford University Press USA.

TRILLA, B. (1993). *Otras Educaciones. Animación sociocultural, formación de adultos y ciudad educativa*. Barcelona: Anthropos.

VIGOTSKI, S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.